

# EDITORIAL

**O** artigo “**Realidade psíquica, fantasia e realidade subjetiva: algumas considerações sobre a noção de ‘realidade’**”, apresentado como Conferência por **Hélène Tessier** na Jornada Anual de Instituição Psicanalítica Constructo em 2025, nos propõe uma reflexão a propósito do tema da realidade. Talvez não haja realidade, mas sim realidades, diz a autora.

Hélène afirma que Freud incluiu a categoria de realidade psíquica – realidade do desejo inconsciente e da fantasia – junto com a realidade material e a realidade psicológica (dos pensamentos de ligação). No entanto, o autor não terminou de elaborar essa noção, arrastando dúvidas sobre seu significado e perguntando-se o que estaria efetivamente presente na realidade psíquica. Segundo a autora, em Laplanche, o desenvolvimento desse conceito é uma de suas mais importantes contribuições para a metapsicologia e para a clínica psicanalítica. Constitui o domínio de trabalho específico da psicanálise. Segundo Laplanche, ao contrário da realidade psicológica, a realidade psíquica não pode ser reduzida à sua dimensão subjetiva, tendo todas as características de um corpo estranho.

A realidade psíquica também se manifesta como uma força que age contra a vontade do indivíduo, uma força estranha, diz a autora. Na teoria da sedução generalizada de Laplanche, sua origem é o outro, a mensagem comprometida que provém do outro. Por essa razão, a mensagem é essencial para definir a realidade psíquica que, para Laplanche, constitui um terceiro domínio da realidade. Para ele, o ser humano é, desde o início, mergulhado não em um mundo de estímulos, mas em um mundo de mensagens. Em

suas palavras, nenhuma atividade escapa às mensagens, pois o mundo da significância humana preexiste ao indivíduo. Exposto às mensagens, o ser humano deve traduzi-las. A mensagem introduz de imediato a alteridade; carrega um elemento irredutível à subjetividade de quem a recebe.

Mas a categoria de mensagem não é suficiente para dar conta da realidade psíquica. Conforme Hélène, e segundo Laplanche, é preciso acrescentar essa transformação estranha efetuada pelo recalque, que leva à formação de uma representação-coisa ou a um significante dessignificado. Assim, realidade psíquica e inconsciente sexual, para a autora, andam lado a lado...

**Deborah Golergant** introduz seu artigo, intitulado “**A realidade psíquico-pulsional e o problema mente-corpo no pensamento de Jean Laplanche**”, recordando sua trajetória dos últimos anos. Ocupada em compreender o problema mente-corpo, iniciou seus estudos sobre o tema em 2014. Desde então, revisou os escritos de Christophe Dejours sobre o corpo fisiológico e o corpo erógeno e dedicou-se ao tema da psicossomática, revisando teorias filosóficas sobre a relação mente-corpo e sua interação com a psicanálise. Realizou, também, estudos sobre a mente, em um sentido psicológico, e o aparelho psíquico. Por último, elaborou um trabalho intitulado “Realidade psíquica e filosofia do sujeito”, texto este que introduz o presente artigo, fundamentalmente num capítulo que tem como título “Realidade psíquica e problema da relação mente-corpo”.

A partir desse recorrido, Deborah afirma que, em lugar de se perguntar como surge o mental a partir do somático, pergunta-se como surge o psicopulsional (adquirido) a partir do psicológico-instintivo (inato).

De outra parte, a autora se questiona se seria o adulto cuidador, com seu aparelho psíquico e sua sexualidade infantil, quem torna possível que o corpo autoconservativo se converta em um corpo erógeno, que funções mentais ou psicológicas inatas sirvam de base para que a criança construa

significados individuais, que o desejo e a angústia possam chegar a ter mais força do que a necessidade.

A propósito dessa sequência de pesquisas e estudos, a autora se propôs a falar sobre a realidade psíquico-pulsional, relacionando esses dois termos com um hífen, pois observou que, ao longo de sua obra, Laplanche deixa evidente que a realidade psíquica, explicitamente a realidade do inconsciente, está ligada à pulsão. Com base nessas premissas, a autora desenvolveu este texto sobre a distinção e a relação entre realidade psíquica e realidade psicológica e, por outro lado, entre a pulsão e o instinto.

No artigo intitulado **“Fazendo trabalhar Jean Laplanche no diálogo com Sandor Ferenczi e Piera Aulagnier”**, apresentado como Conferência na Instituição Psicanalítica Constructo, **Maria Teresa de Melo Carvalho** corrobora a importância que Laplanche concede ao “retorno às fontes” no trabalho que realiza na condução de seus estudos sobre a psicanálise. Como um exemplo disso, a autora afirma que o autor pensa a noção de “trauma” como um fator que constitui o psiquismo, sendo, junto com a sedução, tema que ocupa os estudos de Ferenczi, tanto como os seus próprios, apesar das diferenças existentes entre eles em relação aos dois conceitos. Seguindo Freud, Ferenczi enfatiza a relação entre trauma e narcisismo, propondo que a perda da autoconfiança do sujeito determina que este último retire seu investimento libidinal dos objetos para reinvestir o Eu, situando a importância da família e do social na constituição psíquica da criança em situações traumáticas na infância.

Maria Teresa afirma que, embora Ferenczi não inclua o papel do inconsciente do adulto na constituição psíquica da criança, ponto fundamental na teoria laplancheana, Laplanche reconhece que o adulto também oferece recursos narcísicos à criança, elementos que lhe são enviados para melhor lidar com os enigmas que enfrenta. A autora sugere que este diálogo poderia ter ocorrido entre os dois autores, por exemplo, na discussão do fracasso da tradução.

Maria Teresa transita entre pontos de desencontro entre os dois autores, justificando que as razões que os conduziram a resultados diferentes se justificam pelas linhas teóricas seguidas por cada um. No entanto, retoma outros aspectos nos quais vislumbra possibilidades de um diálogo entre os dois.

Em relação a uma possível conversa com Piera Aulagnier, Maria Teresa afirma que não encontrou na obra laplancheana qualquer diálogo entre ambos. Recorre, então, a um texto escrito anos atrás, em coautoria com Paulo C. Ribeiro, no qual ambos trabalharam a interligação entre metapsicologia e clínica entre Piera Aulagnier e Laplanche. Propõe, então, algumas questões e, entre elas, indica que, da mesma forma que Laplanche estabelece um paralelo entre a atividade teorizante do analista e a atividade auto-simbolizante da criança, determinada pelo enigma proposto pelo primeiro, Aulagnier traça um paralelo entre o analista historiador, com sua teoria, e o analisando historiador, profano, que acredita reter uma versão exaustiva de sua história. Os dois historiadores buscam tornar pensável esse desconhecido, que é o Isso. Aulagnier propõe abordar as teorias psicanalíticas como o trabalho do Eu, opondo suas construções ao Isso. Maria Teresa se questiona, então: como não ver, aqui, uma semelhança com o pensamento de Laplanche sobre o Eu, a tradução/simbolização e uma representação de si mesmo que contém o efeito excitante e perturbador do enigma do outro na constituição do psíquico?

Em “**A complexidade do desejo: você tem fome de quê?**”, **Júlio César Conte** nos traz uma nova possibilidade de pensar algumas questões sobre o desejo em psicanálise. Para tanto, ele inicia transitando pela teoria do Caos e pela teoria da complexidade, contando um pouco sobre o surgimento das mesmas a fim de refletir sobre o funcionamento de sistemas não lineares, colocando em evidência as questões da incerteza e da turbulência que, para ele, estão na base do pensamento complexo.

Enfatiza a importância do desejo e resgata as ideias de Freud e de Lacan, ressaltando a questão estrutural e a linearidade do sistema. Na sequência, o autor destaca as ideias bionianas e estabelece um contraponto com o estruturalismo citado em Freud e Lacan. Em Bion o princípio da incerteza passa a ser muito considerado e o leva a construir um modelo espectral da mente, considerando a ideia da complexidade, onde determinismo e indeterminismo mantêm um diálogo turbulento e caótico, podendo produzir algo novo e criativo.

De um lado do espectro podemos dizer que temos o determinismo vindo da concepção, onde predomina a lógica linear, um continente à espera de um conteúdo, uma janela sem paisagem, um útero vazio à espera de um preenchimento, um mundo de possibilidades do vir a ser. No outro lado do espectro temos a experiência que, uma vez realizada, leva ao determinismo, a relação causal, o conhecido e a lógica linear.

No entanto, Júlio nos diz que algo sempre escapa ao determinismo, ou seja, algo se cria e algo permanece. Mesmo após a experiência que determina, o indeterminismo mantém seu âmbito de potencialidade. O Caos, por seu caráter combinatório e turbulento, mantém um padrão que alberga uma nuvem infinita de possibilidades. O limiar do caos é o momento de maior criatividade. A psicanálise é ciência e arte e, portanto, tem que lidar com essa dupla vicissitude. O pensamento complexo, ao contrário da ideia linear, sugere uma causalidade circular na qual o próprio efeito volta à causa, onde se torna necessário juntar princípios antagônicos e, ao mesmo tempo, complementares.

É aí que o autor renova a ideia do desejo. O desejo situa-se na ordem do indeterminismo, pois implica criação. Para ele, ao trazer a ideia de evitar a memória, o desejo e a necessidade de compreensão, Bion está afirmando a importância de captar o indeterminado dentro do sistema, o não-linear. A

memória e o desejo levam inevitavelmente à observação do conhecido. Assim, temos a chance de captar o indeterminado do desejo, o complexo, o algo a mais, o novo. Aquilo que se produz no limiar do caos, na turbulência máxima, onde o grau de criatividade e destrutividade estão na maior intensidade. A criação se revela na interface entre o caos e a ordem. Deste choque surge a grande turbulência dos nossos tempos. O indeterminado do desejo, aquilo que temos de criar, pois não se encontra nem no passado, nem do futuro.

Assim, a provocante pergunta: *Você tem fome de quê?*, inserida no título do referido trabalho, nos põe a (re) pensar esse importante conceito psicanalítico chamado desejo e suas inquietantes especulações.

No artigo **“Por uma metapsicologia do corpo em psicanálise”**, a autora **Laura Facury** discorre inicialmente sobre textos de Freud acerca do corpo, embora o tema não tenha sido central na obra do autor. Menciona Jean Laplanche, que também não privilegiou esse assunto, apesar da grande importância que deu ao corpo da criança em relação à implantação de mensagens enigmáticas oriundas do adulto, responsáveis por dar início à constituição do psiquismo da mesma. Laura se refere a outros autores que se ocuparam do tema do corpo, detendo-se particularmente em Didier Anzieu e em Gisela Pankow. Anzieu desenvolveu o importante conceito de *Eu-pele*, trabalhando a proposição freudiana do *Eu* como uma superfície e como a projeção de uma superfície, sendo sua principal função a distinção do *Eu* e do não-*Eu*. Entre outros pontos, Laura enfatiza a noção de “significante formal” de Anzieu, que considera como uma metáfora das vivências corporais e uma tentativa de tradução dos estados do corpo. Em relação a Pankow, Laura ressalta sua experiência clínica com psicóticos, revelando os limites da cura psicanalítica a partir do trabalho sobre a imagem do corpo de seus pacientes. Para ela, o domínio do corpo pertence ao simbólico e a prática clínica se fundamenta em uma intervenção a nível dos processos patológicos da simbolização.

Laura escreve que Christophe Dejours desenvolveu uma metapsicologia do corpo, denominada “tópica da clivagem” ou “terceira tópica”, tendo origem na clínica psicanalítica das doenças do corpo e nos enigmas dos fenômenos psicossomáticos. Essa tópica engloba um conjunto de proposições sobre o homem e a sociedade a partir da teoria psicanalítica e das ciências sociais e do trabalho. O corpo seria construído na interseção entre o corpo pulsional e a atividade de trabalho, podendo esta abrir caminho para uma ação sensível do corpo em confronto com a realidade. Esse “trabalho vivo” destaca principalmente o aspecto central do trabalho para a subjetividade.

A autora cita, também, a teoria da sedução generalizada de Laplanche, que, a seu ver, propõe as principais chaves para compreensão do envolvimento do corpo na exigência da tradução e na genealogia do inconsciente. Ao mesmo tempo, aborda o recurso filosófico que dá apoio teórico para a construção da noção de corpo na teoria de Dejours através das ideias de Michel Henry sobre a fenomenologia da vida.

Em sua conclusão, Laura propõe pensar o corpo como uma condição do trabalho do pensamento e da elaboração psíquica, como uma virada importante na psicanálise. Essa perspectiva desloca o centro da teoria do primado da representação para o primado do afeto, abrindo, assim, um novo campo de teoria e clínica, obrigando o clínico a revisitar a teoria metapsicológica.

O objetivo principal do artigo “**Paixão e subjetivação na adolescência**”, de **Celso Halperin**, é propor que a função da primeira paixão na adolescência possibilita que o processo de independização do jovem se complete, libertando-o do passado e transformando-o em alguém presente para amar.

Na introdução de seu texto, o autor se vale das ideias de filósofos e poetas, assim como divindades da Grécia antiga, buscando o sentido do amor, do desejo e da paixão desde os tempos mais remotos. Após tal percurso, ele introduz Freud, com sua contribuição sobre o amor e o narcisismo, retomando com

as ideias de Maria Rita Kehl, algumas considerações que cercam o percurso entre o narcisismo e a castração simbólica, chegando, enfim, ao tema da necessidade do ser humano de administrar a perda para poder desejar.

Esse roteiro vai se desenrolar, segundo o autor, a partir das experiências do passado e dos novos investimentos libidinais que vão, juntos, abrindo a possibilidade de o adolescente viver a ilusão e poder desiludir-se, em um movimento que sustenta o desejo e a construção de uma experiência de amor que substitua os amores da infância.

Celso pergunta-se como se pode definir e diferenciar o amor e a paixão e, para tanto, volta seu olhar para Freud e Júlia Kristeva, para, finalmente, deter-se em conceitos de Winnicott e Bollas, com o intuito de melhor definir o poder que a paixão pode ter na adolescência. O autor afirma que “a primeira grande paixão da adolescência resgata o sujeito de um estado de congelamento psíquico, libertando-o de vínculos primitivos e permitindo-lhe, pela primeira vez, o movimento de viver e de amar”. Conclui o autor que, ao desaparecerem as exigências narcísicas, surge a possibilidade de emergência do amor, de reconhecimento da alteridade e de simbolização da falta.

**“Entre espelhos vazios: subjetividades em risco”,** de **Maria Cristina Perdomo**, é o título de uma conferência proferida na Instituição Psicanalítica Constructo em 2025, na qual a autora nos propõe pensar a adolescência. É por meio da metáfora de um espelho opaco, onde o reflexo é difuso, fragmentado ou até mesmo ausente, que Maria Cristina instiga, já no início de seu texto, reflexões acerca dos riscos psíquicos que podem surgir para aqueles que estão atravessando essa etapa da vida, deparando-se, ao mesmo tempo, com a crise contemporânea da subjetivação.

Entre Moustapha Safouan, Silvia Bleichmar, Joel Birman e recortes clínicos, a autora articula temáticas importantes da psicanálise, tais como os processos

identificatórios e o desamparo psíquico. Identidade e subjetividade devem ir tomando forma em um processo no qual o sujeito precisa se reconhecer, mesmo que esteja vivendo uma profunda mudança.

Por fim, a autora introduz a proposição de uma clínica psicanalítica como espaço de resistência perante uma sociedade marcada por espelhos cada vez mais vazios ou multiplicados infinitamente, de modo que toda imagem se torna irreconhecível, sendo, então, a escuta analítica a forma capaz de sustentar o próprio desejo dos adolescentes de ver-se sendo – em um tempo de travessia tanto necessário e difícil quanto inevitável.

No artigo **“Impactos do discurso social sobre o envelhecimento de mulheres: uma leitura psicanalítica”**, **Virgínia L. A. Pereira e Talita Baldin** transitam entre os temas da mulher idosa, a construção do feminino e a psicanálise para articular uma discussão sobre as complexas mudanças enfrentadas pelas mulheres nesse período, em especial diante de um cenário marcado por perdas corporais, sociais e psicológicas.

Entre os diversos temas explorados pela psicanálise, parece consenso que as particularidades psíquicas e emocionais ligadas ao envelhecimento das mulheres ainda é pouco discutido. A literatura é bastante escassa, o que sinaliza a importância de lançar um olhar mais atento e cuidadoso para o processo de envelhecer, para além de discutir as características dessa faixa etária.

Nesse sentido, as autoras apostam na escuta psicanalítica para a compreensão do desejo da mulher idosa, num contínuo entrelaçamento com seu histórico de vida e com as possibilidades e os preconceitos que enfrenta no âmbito da sociedade em que vive.

BOA LEITURA A TODOS!

Kenia Ballvé Behr

Editora da Constructo Revista de Psicanálise